

18-04-2023

Brasil com S... de Senzala!!!

Annibal Coelho de Amorim

[Médico de Saúde Pública. Pesquisador IdeiaSUS]

Não pensei que viveria para ler, ouvir e ou receber notícias como estas.

Parece que, de repente, fui transportado para um passado muito remoto, mas o que acabo de ler digitalmente não é mais uma *fake News*. Infelizmente, faz parte de triste realidade que vivemos, como um soco na boca do estômago.

Definitivamente enoja saber que, em pleno terceiro milênio, o número de “casos” de trabalhadores em “situação análoga à escravidão”, no Brasil, não para de aumentar. Então, para início de conversa, devemos nos opor ferrenhamente a essa expressão mentirosa de *situação análoga* porque o cheiro, o ambiente, as condições em que as pessoas são acomodadas, sua alimentação e o *modus operandi* de quem “contrata” mão de obra, são características fidedignas de escravidão. Chega de usar expressões que atenuam o crime, disfarçando-o com uma analogia. Para essa situação não há outra palavra que traduza o que tragicamente constatamos ser escravidão de verdade. Neste espaço opinativo que, na maioria das vezes utilizo com ironia e jocosidade, meu sentimento agora é de revolta pela exploração planejada e tramada com indisfarçado sentido de servir-se da força e da boa-fé de pessoas, de diferentes estados brasileiros e de outros países. Sabíamos que iríamos encontrar lixo embaixo do tapete depois que a “ponte para o futuro” foi construída descaradamente em 2016 e, de maneira trágica, se perpetuou entre 2018-2022. Os motivos todos sabem de cor e salteado.

Resultaram do ultra neoliberalismo e de políticas equivocadas que suprimem direitos do povo trabalhador e abrem os cofres da exploração servil ignorando a dignidade humana. Depois da situação de trabalhadores escravizados para que o sabor do vinho gaúcho mantivesse seu *bouquet*, um dia e o outro também, somos surpreendidos por escravidão em SP, MG, esta última com mais de uma centena de pessoas resgatadas da escravidão por servidores do Ministério Público do Trabalho e da Polícia Rodoviária Federal. É ou não motivo de revolta? Mas em tempos de globalização, com a expansão do neocolonialismo, argentinos, paraguaios, e não somente brasileiros, são vítimas desta prática aviltante chamada trabalho escravo, em que direitos básicos inexistem, a não ser que todos os intermediários do crime e os contratantes fossem levados às barras da justiça. Mas isso tende a não acontecer no Brasil com S... Enquanto celebrava 69 anos no final de março de 2023, brasileiros como eu, egressos do Pará, Sergipe, Maranhão e Bahia eram escravizados em Minas Gerais. Dando-me conta que a bandeira de Minas Gerais tem no triângulo a expressão “*Libertas Quae Sera Tamen*” (*Liberdade Ainda Que Tardia*) não reconforta. Lembra o inconfidente Joaquim José da Silva Xavier, nosso Tiradentes, enforcado e esquartejado pelos portugueses em virtude da insurgência contra a exploração colonialista. Cento e trinta cinco anos depois da Lei Áurea constata-se um simulacro para criar a falsa impressão de que “não se trata de escravidão”.

Como Não? *Liberdade ainda que tardia*? É mesmo?

Dias antes (abril 1888) da abolição ser decretada por força de Lei, os jornais do Rio de Janeiro anunciaram o registro do estatuto da Liga dos Homens de Cor, criada um ano antes da abolição da escravatura por José do Patrocínio, escritor abolicionista, fundador da Academia Brasileira de Letras e outras pessoas negras, livres ou libertas ([veja](#)). Mais de um século depois os jornais d’agora denunciavam que homens e mulheres trabalham em regime escravocrata e ainda há personagens dantescos que defendem essa barbárie como “modelo patronal”. Não nos enganemos: entre brasileiros e estrangeiros existem também crianças e adolescentes trabalhando em regime escravo (vide os cortadores de cana, os “carvoeiros” etc).

O que se passa na cabeça de quem “contrata” pessoas vivendo em condições de desigualdade em seus estados de origem? A resposta é curta: na “mente patronal” só existe o lucro fácil e a desoneração da folha de pagamentos.

Sem a menor cerimônia criminosos contumazes se aproveitam da falta de oportunidades e do abismo social, (re)lançando mão da escravidão em nossa cara. “Somente se coçam” quando as fachadas de suas empresas são escancaradas na imprensa. O nome disto é escravidão, alguém tem dúvida? Com requintes de crueldade, tudo nos lembra o ambiente colonialista descrito em “Casa Grande e Senzala” (Gilberto Freyre, 1933). Mas não se enganem leitores opinativos, os fatores de hoje, intitulados intermediários, seguem à risca o roteiro desenhado por criminosos de colarinho branco.

Descobertos, vêm a público “negar” evidências, evitando que as “fachadas” de “seus negócios” p’ra lá de lucrativos sejam denominados fruto do trabalho escravo. A cada dia que avançamos em esforços civilizatórios, garantindo políticas sociais de distribuição de renda, ainda se observa representantes da “casa grande” mantendo seus privilégios, atualizados com juros altos e escorchantes (que alimentam o rentismo) ou com o verniz de negação das evidências de que praticam crime de lesa humanidade.

Não me venham com essa história de “situação análoga à escravidão”, porque escravidão é escravidão. Enquanto não deixarmos de lado este simulacro de linguagem, estaremos retroalimentando o regime escravocrata que, miseravelmente, nunca foi abandonado. Basta dar uma bela olhada nas periferias e favelas, mocambos, qualquer que seja o nome atribuído aos locais onde ainda se perpetuam as desigualdades sociais.

A representação sociológica prevalente é a de uma senzala ... com S maiúsculo. Precisamos avançar nas denúncias e fazer com que os agentes, intermediários ou corporativos, sejam levados às barras da lei, embora duvide bastante de que responderão como crime porque vivemos em um país que faz de conta que se libertou da escravidão. ... Disque-denúncia? ... Vamos precisar de vários (violência na escola; escravidão; garimpo ilegal; pedofilia; trabalho infante-juvenil, violência contra a mulher etc) porque os criminosos andam à solta ...

**A frase que reservo para este texto inconfidente
não podia ser outra: no terceiro milênio, infelizmente,
dia após dia vemos (re)tomar forma,
com traços nítidos, perversos e cínicos,
imagens vergonhosas de um
Brasil com S ... de senzala!!!**

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.